



REVISTA ELETRÔNICA
CIENTÍFICA DA UERGS

Fala sério, Mãe!: um estudo comparativo entre a obra literária e o filme e sua contribuição na formação do leitor

Ana Cláudia Monteiro Ribeiro Lemos

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

E-mail: ana.biblio@yahoo.com.br , <http://lattes.cnpq.br/1000160310227157>

Luciane Sippert Lanzasova

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

E-mail: luciane-sippert@uergs.edu.br , <http://lattes.cnpq.br/0010806287467881>

Submetido em: 18 ago. 2021. Aceito: 16 nov. 2021.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21674/2448-0479.73.293-302>

Resumo

O presente artigo constitui uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Especialização em Teoria e Prática da Formação do Leitor, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em 2019. Este teve como objetivo compreender como o texto escrito pode ser transformado em imagens, ações ou diálogos, estabelecendo uma relação entre a arte literária e a arte cinematográfica, bem como elucidar algumas diferenças existentes entre as duas linguagens e como essa relação contribui para a formação de leitores. A análise se justifica devido à busca por comprovação de que adaptações cinematográficas de obras literárias contribuem para a formação de leitores. A metodologia adotada baseou-se em revisão bibliográfica e análise comparativa entre o livro da escritora Thalita Rebouças, *Fala Sério, Mãe!* e a adaptação cinematográfica homônima. Depois de fundamentar a análise acerca dos conceitos de linguagem literária (LAJOLO, 1996; MARTINS, 1986) e arte cinematográfica (COLODA, 1972; SANTAELLA, 2001; SOTTA, 2015), procurou-se elucidar algumas diferenças estabelecidas entre as duas linguagens. Os resultados sugerem que as adaptações cinematográficas de obras literárias contribuem para a formação de leitores ao divulgarem a existência de uma obra nas quais foram baseadas e auxiliam para que o leitor se sinta capaz de explorar diferentes formas de linguagens.

Palavras-chave: Obra literária; adaptação fílmica; formação de leitores; linguagens.

Abstract

Fala sério, Mãe!: a comparative study between the literary work and the film and their contribution to the reader's formation

This article is an adaptation of the Course Conclusion Paper presented to the Specialization in Theory and Practice of Reader Education, at the State University of Rio Grande do Sul, in Porto Alegre, in 2019. It aimed to understand how written text can be changed into images, actions or dialogues, establishing a relationship between literary and cinematographic art, as well as elucidating some existing differences between the two languages and how this relationship contributes to the formation of readers. The analysis is justified due to the search for proof that cinematographic adaptations of literary works contribute to the formation of readers. The methodology was based on a literature review and a comparative analysis of the book by writer Thalita Rebouças, *Fala sério, Mãe!* and the homonymous film adaptation. After substantiating the analysis on the concepts of literary language (LAJOLO, 1996; MARTINS, 1986) and cinematographic art (COLODA, 1972; SANTAELLA, 2001; SOTTA, 2015), some differences between the two languages should be elucidated. The results suggest that the cinematographic adaptations of literary works contribute to the formation of readers by disclosing the existence of a work on which they were based and helping the reader to feel capable of exploring different forms of languages.

Keywords: Literary work; film adaptation; reader training; languages.



Resumen

Fala sério, Mãe!: un estudio comparativo entre la obra literaria y el cine y su contribución a la formación del lector

Este artículo es una adaptación del Trabajo de Conclusión del Curso presentado a la Especialización en Teoría y Práctica de la Formación del Lector, de la Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, en Porto Alegre, en 2019, que tuvo como objetivo comprender cómo el texto escrito se puede transformar en imágenes, acciones o diálogos, estableciendo una relación entre arte literario y arte cinematográfico, además de dilucidar algunas diferencias existentes entre los dos lenguajes y cómo esta relación contribuye a la formación de lectores. El análisis se justifica por la búsqueda de pruebas de que las adaptaciones cinematográficas de obras literarias contribuyen a la formación de lectores. La metodología adoptada se basó en una revisión de la literatura y un análisis comparativo del libro de la escritora Thalita Rebouças, *Fala sério, Mãe!*, y la adaptación cinematográfica homónima. Tras fundamentar el análisis en los conceptos de lenguaje literario (LAJOLO, 1996; MARTINS, 1986) y arte cinematográfico (COLODA, 1972; SANTAELLA, 2001; SOTTA, 2015), se buscó dilucidar algunas diferencias establecidas entre los dos lenguajes. Los resultados sugieren que las adaptaciones cinematográficas de obras literarias contribuyen a la formación de los lectores al dar a conocer la existencia de una obra en la que se basan y ayudar al lector a sentirse capaz de explorar diferentes formas de lenguajes.

Palabras clave: Obra literaria; adaptación cinematográfica; formación de lectores; idiomas.

Introdução

O presente trabalho teve seu tema escolhido graças à curiosidade; curiosidade esta de compreender como funcionava a adaptação de um livro para o cinema e de verificar se esta adaptação contribuía de alguma forma para formar leitores. Após ouvir alguns relatos de colegas professores sobre o jovem adolescente não gostar de ler e ao comparar com a atual realidade brasileira em relação à produção literária para adolescentes e encontrar em pesquisas o contrário dos relatos (como o caso da escritora Thalita Rebouças, cuja expressiva vendagem configura amplo sucesso para os padrões editoriais) surgiram as seguintes perguntas de pesquisa: Como funciona o processo de adaptação de uma obra literária para a obra fílmica? Seriam os filmes e livros agentes contribuintes para a formação de leitores? Nesse sentido, surge o interesse por compreender a relação entre esses dois tipos de arte (literária e cinematográfica) e buscar verificar se as adaptações influenciavam o hábito de leitura.

Sant'Anna (2017), no texto *Fala sério, Thalita: é a literatura de massa uma estratégia eficiente para a formação do leitor literário?*, aponta que no Brasil, nas duas últimas décadas, quando alguns milhões de brasileiros foram inseridos no mercado consumidor, o livro tornou-se mais um dos produtos que lhes permitiu o acesso, alavancando a produção. Para comprovar esta informação, o autor apresenta dados extraídos nas três pesquisas dos *Retratos da Leitura no Brasil*, edições de 2000, 2007 e 2011, realizadas e coordenadas pelo instituto Pró-Livro, que apontaram o crescimento significativo do mercado editorial e sobretudo dos livros de ficção voltados para o público juvenil.

Os livros de Thalita Rebouças contêm uma linguagem simples, os protagonistas são adolescentes e os temas são pertinentes à idade deles e esse pode ser o principal indicativo do imenso sucesso de suas obras. Outro indicativo poderia estar relacionado justamente à veiculação destas nos cinemas, obtendo grande repercussão nacional.

A relação entre as artes literária e cinematográfica é um grande recurso para formar leitores. Nesse sentido, Istschuk (2014), ao abordar a temática da adaptação cinematográfica como uma estratégia de leitura, destaca que o cinema pode ter um papel didático na formação do leitor:

A sua utilização, quando bem planejada e com propósito claramente estabelecido, pode contribuir para a formação de um leitor crítico e reflexivo, que sai do nível de decodificação imediata da imagem e obtém o “status” de interlocutor e leitor que indaga sobre o significado do que lhe é transmitido (ISTSCHUK, 2014, p.02).

Essa relação entre a obra e o filme ressignificam a leitura. Segundo a autora, “o livro, assim como o filme, não existe sem um leitor que lhe atribua sentido – ambos, dentro de sua especificidade, contam-nos histórias” (ISTSCHUK, 2014, p.03). Nesse contexto, o presente trabalho tem por finalidade a Conclusão do Curso de

Pós-graduação Teoria e Prática da Formação do Leitor, a partir de uma metodologia baseada em pesquisa bibliográfica e análise comparativa entre o livro da escritora Thalita Rebouças, *Fala Sério, Mãe!* e a adaptação cinematográfica homônima.

O objetivo deste estudo é compreender como o texto escrito pode ser transformado em imagens, ações ou diálogos, estabelecendo uma relação entre a arte literária e a arte cinematográfica, bem como elucidar algumas diferenças existentes entre as duas linguagens e como essa relação contribui para a formação de leitores.

Concepção de leitura e leitor

Ao falarmos em leitura ou leitor, pensamos logo em grandes livros e inúmeras palavras desconhecidas, mas ao verificarmos o mundo dos livros e da leitura, descobrimos que não é bem assim, hoje há inúmeros recursos para formar leitores. Assim, aproximar-se da leitura está menos complicado do que em outros tempos passados.

Para Dias (2010), o ato de ler mostra-nos o quanto o ser humano pode ser divino e maravilhoso, mas também revela a sua face mais monstruosa e sórdida. Possibilita aos sujeitos a transcendência, a aproximação com o sublime, sem perder de vista que os pés continuam plantados no chão, muitas vezes de barro ou até mesmo de lama.

O ato de ler traz a compreensão de que é possível ir muito além do que está escrito e a transcendência, que menciona a autora, possibilita que sejamos muitos, mesmo sendo um só, a leitura ressignifica a vida. A teórica Martins (1986, p. 34), na obra intitulada *O que é Leitura*, destaca que: “Aprender a ler significa também aprender o mundo, dar sentido a ele” (p.34).

Ler é, entre tantas significações, a possibilidade de mergulhar em outros mundos, é a chave para buscar novos conhecimentos, é dialogar consigo mesmo. Nessa perspectiva, a leitura é parte fundamental do saber, colabora com a formação do indivíduo e a sua compreensão do mundo. Conforme observa Lajolo:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, pesquisadores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumindo a luta contra aquela ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere (LAJOLO, 1996, p.28).

A leitura permite o despertar de sentimentos e emoções, inspirando ao leitor desvendar um ambiente repleto de possibilidades. O leitor, tocado pela leitura, transforma-se e transforma ao seu redor, questiona e interroga o mundo em que vive.

Duran (2009) apresenta três concepções distintas de leitura e traz algumas reflexões acerca da compreensão de cada uma destas: *botton-up*, *top-down* e interacionista. Para o autor, o conceito de leitura *Botton-up*, é como um ato de decodificar os sinais gráficos, em som articulado, em forma de palavras. Duran destaca que para esta concepção a compreensão é automática, isto é, “uma vez que o leitor é capaz de decodificar, ele é automaticamente conduzido ao sentido dessa palavra, o que resultaria na imediata compreensão do texto escrito” (DURAN, 2009, p. 4). Ao analisar essa concepção, Duran (2009) considera este processo de leitura passivo, pois o leitor não recebe papel algum para desempenhar, somente decodificar.

Em oposição à primeira concepção, Duran (2009) apresenta a concepção *Top Down*, que traz o leitor como responsável pelo processo da leitura, colocando-o na responsabilidade de dar sentido ao texto, já que a leitura é permeada pela bagagem adquirida anteriormente e somente acessando esta bagagem é que irá atribuir significado ao texto. O conhecimento prévio do leitor é utilizado como ferramenta para atribuir sentido ao texto e sua subjetividade é evidenciada.

A concepção interacionista para o autor seria a mais abrangente, pois une o texto e o leitor, esta concepção é a interação entre os dois durante a leitura. O produto da relação entre o leitor e o texto é o sentido da leitura, o texto apresenta e propõe ao leitor um universo. Nesta concepção, o leitor ao deparar-se com o texto, já tem intenções e sua missão é buscar elementos que combinem com o seu conhecimento prévio, para que juntos construam o sentido do texto.

Sobre esta concepção Duran (2009) afirma:

Em relação à produção do sentido, é importante ressaltar que esta [a leitura] por ser produto da interação, vai resultar diferentemente em leitura de leitores diferentes, ou seja, cada leitor vai fazer uma leitura diferente do texto, isso porque a abordagem do texto se altera de leitor para leitor, além da bagagem cognitiva, dos conhecimentos prévios, que se alteram também de indivíduo a indivíduo, o que permite-nos conceber a leitura como um processo idiossincrático (DURAN, 2009, p.10).

Nessa linha de pensamento, pode-se mencionar Freire (1989, p.11), que enfatizava a ideia de que a “leitura precede a palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele, linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Desta forma, a leitura da palavra não pode desconsiderar conhecimento de mundo que cada leitor possui que é adquirido em contexto social, nas suas vivências, na sua realidade. Portanto, linguagem e realidade se fundem efetivamente, destacando que a compreensão do texto, de modo crítico, implicará as relações entre texto e contexto. Por este viés a leitura é percebida como uma forma de atribuição contínua de significados, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Assim, a leitura pode ser considerada como um dos grandes elementos de formação da civilização humana.

O incentivo à leitura deve partir de todos, somente assim, novos leitores buscarão suas leituras. É através da prática da leitura que se adquire o conhecimento. A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação, ela proporciona ao leitor, o contato com o seu significado, seguindo seu conhecimento de mundo, pois todos que leem o mesmo conteúdo compreenderão e interpretarão de maneira diferente.

O Leitor

Ao falarmos em sujeito leitor, compreendemos um sujeito induzido a compreender e interpretar, inserido no universo de outra pessoa: o autor, mas não é somente compreensão e interpretação que o leitor obtém ser leitor é compartilhar pensamentos, ideias e hipóteses, aceitando-as ou contrapondo-se a estas.

O leitor é agente ativo, e sendo assim a leitura contribui para o seu crescimento. Na verdade, é o leitor que dá sentido ao texto, dá vida aquele conteúdo. Para Orlandi (1995), o sujeito leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que se coloca como contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, garantindo sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu-aqui-e-agora, relacionando-se com ele sem perder sua originalidade. Assim, é o leitor quem atribui significado ao texto, processando de diversas maneiras as informações nele contidas.

Segundo Koch e Elias (2009), a leitura está além de apenas ocupar um importante espaço na vida do leitor. Para as autoras, o ato de ler constitui-se da junção entre os sujeitos sociáveis com a linguagem sociocognitiva, o que lhes possibilita um contato eficaz com elementos significativos do texto.

O leitor faz uso de todo o conhecimento adquirido e todas suas vivências para dar seu significado ao texto. Para Rangel e Rojo:

Ler, portanto, pressupõe objetivos bem definidos. E esses objetivos são do próprio leitor, em cada uma das situações de leitura. São objetivos que vão se modificando à medida que lemos o texto. Por exemplo, quando pegamos uma revista para ler, em um consultório médico, nosso objetivo pode ser o de apenas passar o tempo. Mas se descobrimos um texto que indica como emagrecer sem parar de comer doces, aí o objetivo mudará (RANGEL; ROJO, 2010, p.87).

O leitor é o responsável pelo significado que dará ao texto, conforme sua formação, intenção ou situação. Todo e qualquer livro ou história só é efetivada em contato com o leitor, ou seja, o leitor tem o papel fundamental no processo de concretização da obra. Kato (1987) traz o conceito de leitor proficiente, um leitor experiente, maduro. Um sujeito capaz de, ao ler o texto, ler o mundo e pensar sobre seu próprio ato de ler, nessa perspectiva o leitor torna-se praticamente um coautor do texto.

O Cinema

O cinema é um meio de comunicação social, uma diversão que descansa. O filme, pelo interesse que desperta, desvia-nos temporariamente das preocupações da vida. Fazendo uma apropriação do texto de Barthes (1987), pode-se afirmar que o cinema é também um instrumento de procura pelo prazer.



O cinema é uma indústria, desde o início, os produtores visavam a ganhar dinheiro. Para Coloda (1972, p.13), “o cinema é um poderoso instrumento de cultura e formação”. Transmissor de ideias, aproxima mundos, divulga costumes e pessoas, cria laços entre países. Coloda (1972) acredita que o cinema põe o mundo artístico ao alcance de todos, dando ocasião a que outras artes se expressem por meio dele.

Segundo Dumont (1995), ideia do cinema, por ele definido como “flagrar o momento, o acaso” é antiga sendo anterior ao conceito de arte. O fascínio pelo cinema é resultado do antigo encanto do homem em capturar imagens. O cinema é a arte de capturar imagens paradas, mas que em projeções contínuas, narram fatos, criam ilusões e até concretizam sonhos.

O cinema utiliza imagens imóveis, projetadas em uma tela da ocultação da objetiva do projetor por uma paleta rotativa, quando da passagem da película de um fotograma ao seguinte. Ou seja, ao espectador de cinema é proposto um estímulo luminoso descontínuo, que dá uma impressão de continuidade (DUMONT, 1995, p.51).

Aumont (1995) afirma ainda que imagens fixas e narrativas podem ser encontradas em histórias em quadros, que podem ser comparadas até certo ponto a sequência fílmica. A fabricação do tempo do cinema foi segundo Aumont (1995, p.170): “um dos traços que mais levou o cinema em direção à ficção”. Os fatores: som, cor, luz, cenário surgem para auxiliar na organização da narrativa de forma a alcançar a verossimilhança, a admiração do espectador, do leitor.

Linguagem Cinematográfica

Para compreendermos a Linguagem Cinematográfica é preciso compreender o arsenal de linguagens que o homem desenvolve ao longo do tempo, desde a época em que vivia em cavernas. De todas as linguagens que ele foi desenvolvendo ao longo dos tempos, priorizamos duas ciências da linguagem: a Linguística, a ciência da linguagem verbal e a Semiótica, a ciência de toda e qualquer linguagem.

Segundo a autora Santaella (1983, p.1), “o nome semiótica vem da raiz grega *-semeion* - que quer dizer *signo*”. Logo, a semiótica é a ciência dos signos e de todas as formas de linguagens desenvolvida pelo homem a fim de se comunicar. A autora informa também que:

As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação a todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame do modo de constituição de todos e quaisquer fenômenos de produção de significação e de sentido (SANTAELLA, 1983, p.2).

A construção do signo híbrido cinematográfico processa-se em uma tríade que a fundamenta: a sintaxe, a forma e o discurso, que são conforme foi desenvolvido por Santaella (2001), os eixos correspondentes ao sonoro, visual e verbal respectivamente. Transposta para o cinema, a lógica da sonoridade, que é constituída pela sintaxe, estará presente no filme por meio da combinação de diversos elementos como cenografia, figurino, diálogo, atores, luzes, cores, texturas, relevos, objetos, sons etc. Ao traçar esses elementos em uma composição, o filme adquire uma forma. Esta nada mais é que a harmonização da sintaxe das partes que estão contidas na ação/drama transferindo-as para os enquadramentos, criando imagens em movimento e conferindo-lhes uma narrativa que, através da montagem, a constitui. A linguagem cinematográfica não reside apenas naquilo que é mostrado, mas principalmente naquilo que é sugerido.

Apresentação e Discussão dos resultados

Biografia da autora

A escritora Thalita Rebouças Teixeira, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 10 de novembro de 1974 e seus livros têm como foco os adolescentes e suas vivências. Seu primeiro sucesso foi o livro: *Traição entre amigas* (2000) e já lançou 21 títulos, atingindo uma enorme vendagem com eles (REBOUÇAS, 2019).

Em 2009, iniciou carreira internacional, lançando livros em Portugal. A autora mantém contato direto com o seu público e participa ativamente de Feiras de Livros; já participou como jurada em programas de televisão e escreveu o roteiro para a *Revista Luluzinha Teen e sua turma*.

Enredo da obra *Fala Sério, Mãe!*

O livro *Fala Sério, Mãe!*, de Thalita Rebouças, lançado pela Editora Rocco, em 2004, traz uma coletânea de crônicas com pitadas de humor sobre o cotidiano de mãe e filha, desde a barriga até a maioridade da filha. As primeiras páginas são dedicadas à Mãe Ângela Cristina, que narra a gravidez e sua ansiedade pela chegada da primeira filha. Ângela é mãe de primeira viagem e divertidamente conta os quilos a mais, o excesso de atenção recebida e a mania das pessoas em passar a mão na barriga da grávida.

Com a chegada da filha, conhecemos o outro lado nada deslumbrante da vida de uma mãe superprotetora, que se dedica inteiramente à filha. Acompanhamos na narrativa sob a visão da mãe, o nascimento dos irmãos de Maria de Lourdes; Mario Márcio e Malena e todas as primeiras vezes de Maria de Lourdes, que no livro se apresenta como uma menina geniosa.

A narração fica por conta da adolescente Malu, como gosta de ser chamada, que tem 13 anos de idade. Ela fala sobre sua primeira menstruação, as cólicas, a convivência com os irmãos, a relação conturbada com a mãe e as novas primeiras vezes. O livro está dividido em crônicas e cada crônica apresenta seu título, com a respectiva idade da filha Maria de Lourdes. A Figura 1 traz a capa da primeira edição do livro *Fala sério, mãe!*, publicado em 2004.

Figura 1 – Capa do livro *Fala sério, Mãe!*, edição de 2004.

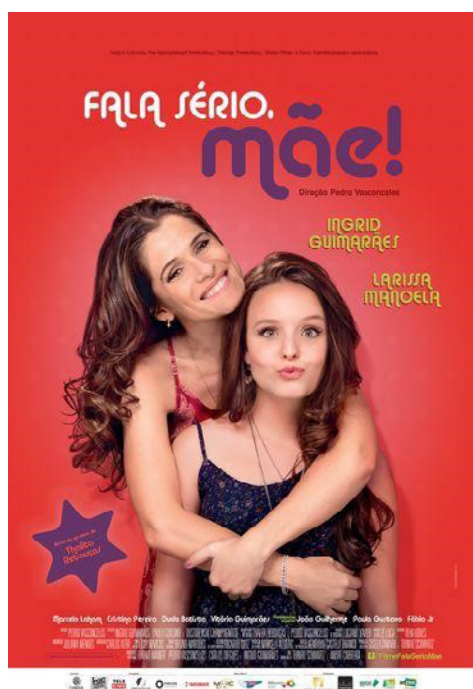


Fonte: Rebouças (2004)

O filme, por sua vez, é dividido em dois grandes atos. O primeiro, mostra o casal, formado por Ângela Cristina, a mãe e Armando, o pai e todos os dramas de uma família em construção; a criação da primeira filha, a chegada dos outros filhos. Até Maria de Lourdes passar dos dez anos, a narrativa é guiada pela mãe e seus medos, principalmente o de ver a filha crescer e ter o controle da própria vida. Conforme afirma Amorim (2010), maioria dos elementos centrais, contidos no livro, foi mantida no filme, bem como a essência da história. Mesmo modificando o enredo original, haveria o uso dos fatores técnicos associados ao meio fílmico para conquistar a admiração do público.

Na Figura 2, está apresentado o cartaz de divulgação do filme.

Figura 2 – Cartaz do filme Fala sério, Mãe!



Fonte: Globo Filmes (2017).

No segundo ato do filme, acompanhamos a história narrada por Malu a partir dos treze anos. A garota já viaja com os amigos, já beija na boca de língua, já não conta todos os detalhes de sua vida para a mãe e ainda mostra suas habilidades com costura, o que ajuda a mostrar sua independência. Neste ato, ocorre também a 34 Festa de quinze anos, que no livro não ocorre, pois o presente é uma viagem para o Parque da Disney em Orlando (EUA) e o expectador, assim como a personagem, percebe o casamento dos pais acabar. Em função da separação, a filha precisa cuidar da mãe, para que ela siga a vida em frente, sem sofrimento, neste momento os papéis se invertem. A partir desse novo elemento, agregado à adaptação, tem-se o pensamento trazido por Azeredo (2012) acerca da presença da criatividade com fatos inerentes à prática de adaptar.

A primeira cena do filme ocorre no futuro quarto da futura menina, pintado de rosa, com quadros infantis, um terço católico e um urso que a mãe afaga como se fosse uma criança. A mãe usa um vestido vermelho florido, ela também cheira as roupinhas de neném. Está arrumando a mala para ir à maternidade, o pai aparece e coloca dentro da mala um sapatinho branco com o símbolo do time do coração, o Fluminense. A mãe alisa a barriga e pensa nas dúvidas, incertezas e nos “serás”. O fragmento a seguir registra esta cena:

- Como será o parto?
- Vai doer?
- Será que vou ter leite?
- Meu peito é tão pequeno!
- Será que vou conseguir dar banho?
- Será que eu vou chorar quando você chora?
- Será que eu vou conseguir dormir?
- Será que eu vou ser uma boa mãe?
- Eu tinha certeza que sim!

A música de fundo é de um piano, a unha da mãe é na cor rosa, e ao admirar o quarto, a mesma imagina o futuro, cheio de amor incondicional! Após esta cena, a mãe fala sobre o desejo de amamentar: “Amamentar, isso sim, seria mágico”; em seguida aparece a mãe aos gritos de dor, dando de mamar para Maria de Lourdes. Os anos se passam, Maria de Lourdes vai para a escola e a mãe percebe que quem precisava de adaptação não era a criança e sim a própria mãe.

Outra cena icônica existente tanto no livro quanto no filme, é a cena do balé, a mãe queria muito ser bailarina e não conseguiu, depositou seus sonhos em Maria Luiza, mas a menina odiou o balé.

A cena do início do capítulo começa com “clics de fotos”, dando ideia de passagem de tempo e mostrando a mudança no quarto. Esta crônica no livro tem o título de *13 anos-TPM ou todos os problemas do mundo*; Malu, também traz esta fala no filme. Ao deixar de ser a narradora a mãe deixa de ser a protagonista, percebemos isso ao analisar as roupas de mãe e filha.

O texto original pode sofrer mudanças quando adaptado, como destaca Azeredo (2012), a ideia de adaptar admite o fazer de escolhas quanto a adicionar, retirar ou encurtar os elementos que serão apresentados na tela. Desta forma, mostra-se indissociável ao processo de adaptar a ideia da criatividade, podendo, por exemplo, compensar as alterações que compõem o novo enredo através de novos recursos de significação. Igualmente a segunda cena do primeiro capítulo, a cena inicia com gritos, só que agora são de Maria de Lourdes, seus gritos são de cólicas menstruais, diferentemente da mãe, que sofria pela amamentação.

Na crônica denominada 16 anos do livro, apresenta aos leitores a separação dos pais de Malu, no filme esta cena é compilada ao capítulo do livro denominado 15 anos, os expectadores podem assistir a festa de 15 anos de Malu e ao mesmo tempo a separação de seus pais.

A última cena do filme é bem emblemática, assim como o último capítulo do livro. Mas a cena no filme que conclui o filme mostra Malu indo para Londres, e no livro, ela muda de cidade, mas continua morando no Rio de Janeiro, o que para a mãe não faz nenhuma diferença, já que o sofrimento é a filha sair de sua casa, para alinhar a cena, o diretor traz como trilha sonora para a cena, a música de Fabio Junior: 20 e poucos anos, na voz da filha.

Percebe-se, portanto, que o filme faz uma releitura do livro, buscando manter de certa forma o enredo por meio da representação de cenas consideradas significativas. A temática instiga de certa forma aos espectadores, em sua maioria formada por jovens e adolescentes, a procurarem o livro e com isso estabelecerem relações entre as duas obras que se relacionam, desenvolvendo com isso seu senso crítico e a sua leitura. Uma das maiores diferenças entre uma obra e outra deve-se especialmente ao fato de que durante a leitura o leitor constrói imaginariamente as cenas do livro, enquanto no filme estas imagens estão prontas.

O filme analisado consegue retratar significativamente bem o enredo apresentado no livro, com pequenas adaptações, como a cena da festa dos 15 anos, que não aparece na obra escrita. O desempenho das atrizes que protagonizam os papéis de mãe e filha também contribuíram para o sucesso da adaptação. Assim, considera-se relevante fazer um trabalho com alunos da Educação Básica estimulando-os a interagirem com a mesma obra escrita e veiculada em forma de filme para fazer essas reflexões e muitas outras possíveis a partir dessa relação entre a literatura e a cinematografia.

Considerações Finais

O diálogo entre Cinema e Literatura é permanente, embora o público de ambas não seja o mesmo, a releitura ou adaptação de uma obra literária é necessária para que seja produzido algo novo, atraindo novos leitores para a história que serviu de base para o filme.

Observamos que, atualmente, a literatura é mais comumente adaptada para a linguagem cinematográfica. Por isso, ela é responsável por atrair leitores e auxiliar na criação de novos leitores de obras literárias. Possibilitar a curiosidade, e como consequência buscar pela literatura, torna a adaptação uma ferramenta capaz e responsável pelo crescimento do número de leitores no país.

Os objetivos deste trabalho foram: compreender como o livro pode ser transformado em imagens e analisar a relação existente entre a arte literária e a cinematográfica para a formação do leitor, realizar a análise comparativa entre o livro *Fala sério, Mãe!* e o filme homônimo focada na transformação da obra literária por meio da apropriação de imagens figurativas, ações ou diálogos presentes na adaptação para o cinema. Nesse sentido, constatou-se que as obras literárias servem de base para muitos filmes e que as adaptações cinematográficas funcionam como um grande incentivo para a formação de leitores.

Se na leitura literária fatores sociais, ideológicos e históricos influenciam a interpretação, em uma adaptação tais fatores também devem ser levados em conta. O livro, assim como o filme, deve chegar a todos os públicos, para que todos tenham acesso à informação, ao prazer, ao questionamento do mundo e ao devaneio, assim as adaptações tornam-se mais uma das ferramentas para a formação do leitor.

Referências

- AMORIM, M. Á. de. Ver um livro, ler um filme: sobre a tradução/adaptação de obras literárias para o cinema como prática de leitura. In: **Cadernos CNLF**. Vol. XIV, nº. 2, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2010, p. 1725-1739. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnfl/tomo_2/1725-1739.pdf. Acesso em 9 jan. 2020.
- AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo: Papirus, 1995.
- AZEREDO, G. Alguns pressupostos teórico-críticos do fenômeno da adaptação fílmica. In: GOUVEIA, Arturo; AZEREDO, Genilda (Orgs). **Estudos comparados: análise de narrativas literárias e fílmicas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.
- AZEVEDO, M. **Thalita Rebouças: uma breve análise da construção e consolidação da identidade midiática da autora**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/r43-0114-1.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.
- BARTHES, R. **O prazer do Texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- COLODA, S. C.; VIAN, I. N. **Cinema e TV no Ensino**. Porto Alegre: Sulina, 1972.
- DIAS, André. **Leitura e literatura, por quê?** Darandina: UFJF, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/4.pdf>. Acesso em 16 nov. 2020.
- DURAN, G. R. As concepções de leitura e a produção do sentido no texto. **Revista Prolíngua**. V.2, n.2, 2009. Disponível em <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/viewfile>. Acesso em: 22 jan. de 2019.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**, em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- GLOBO FILMES. **Filme fala sério, mãe**. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/filme/fala-serio-mae/2017>. Acesso em 23 mar. 2019.
- ISTSCHUK, A. P. **Adaptação cinematográfica: uma estratégia de leitura**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014-UFPR-port-pdp-Ana-paula-istschuk.pdf. Acesso em: 25 jan. 2020.
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2009.
- LAJOLO, M. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- MARTINS, H. **O que é leitura**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Unicamp, 1995.
- RANGEL, E.O. ROJO, R, H, R. **Língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v.19. 2010.
- SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANT'ANNA, J. dos R. Fala sério, Thalita: é a literature de massa uma estratégia eficiente para a formação do leitor literário?. **R. Letras**, Curitiba, v. 19, n. 24, p. 43-58, mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SOTTA, C.P. A literatura e o cinema: convergências e divergências. In: **Das letras às telas: a tradução intersemiótica de ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p.156-230. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 05 fev. 2019.

REBOUÇAS, T. **Fala sério, Mãe!**. São Paulo: Rocco Jovens Leitores, 2004.

REBOUÇAS, T. **Biografia**. Disponível em: [https:// www.Thalita-Rebouças.blogspot.com](https://www.Thalita-Rebouças.blogspot.com). Acesso em: 19 jan. 2019.

